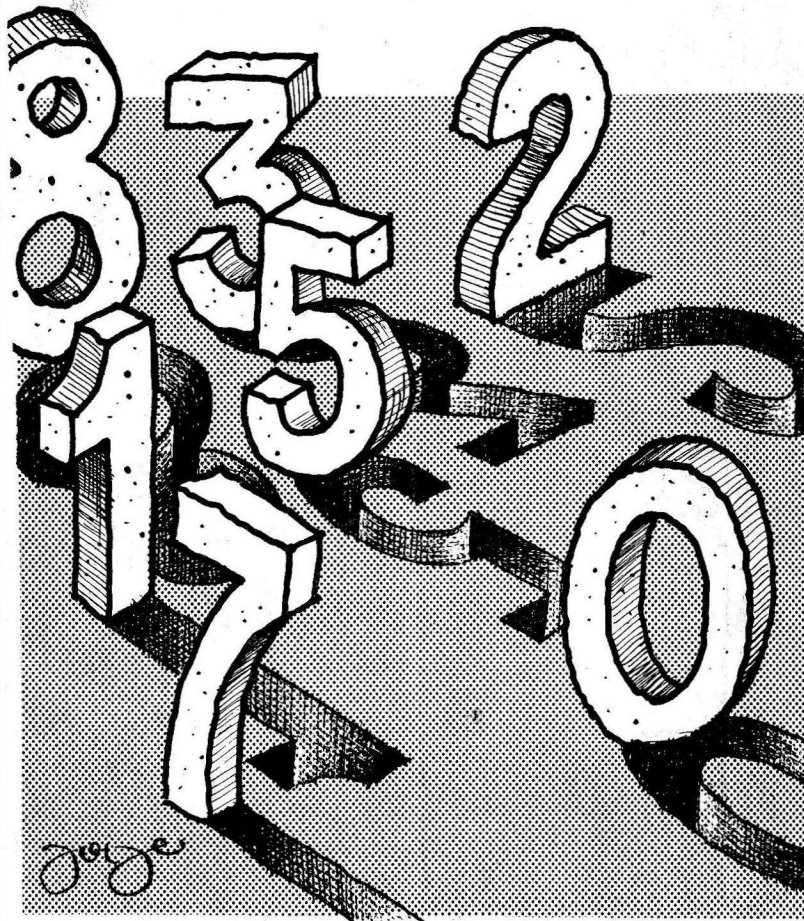


SEU DINHEIRO

A DÍVIDA EXTERNA ENCOLHEU

Pública

Celso Ming



gociados com grande deságio no mercado internacional, passou a ser bom negócio pagar esse acréscimo para aproveitar essa grande liquidação.

Algumas vezes, essa operação parece ter sido feita por empre-

sas estatais contando com o apoio tácito de autoridades que preferiram fechar os olhos para a operação. E outras, essa dívida não foi paga sequer em moeda estrangeira. Foi liquidada em cruzeiros, quantia que o banco cre-

dor estrangeiro imediatamente repassava para uma empresa interessada em investir ou em ampliar seu capital de giro no Brasil. Nesse caso, essa empresa deixava de registrar o novo investimento no Banco Central, provavelmente para não ter que admitir que recorresse ao mercado paralelo.

O ex-presidente do Banco Central, Francisco Gros, admite que a lisura ou mesmo a legalidade de boa parte dessas operações pode perfeitamente ser questionada. Mas entende que, diante do benefício maior que é a forte redução da dívida, o melhor que se tem a fazer é erguer os braços ao céu e comemorar.

Significado

Esses US\$ 35,5 bilhões já são inferiores às receitas obtidas em um ano de exportações cuja previsão é atingir os US\$ 40 bilhões neste ano. E a redução do principal dessa dívida em US\$ 14,5 bilhões por si só corresponde a uma economia, apenas com juros, de algo superior a US\$ 1 bilhão anuais, mais do que o Brasil vêm obtendo com exportações de café no prazo corrido de doze meses. Se levarmos em conta que esses US\$ 35,5 bilhões serão reesturados em dívida de longuíssimo prazo, com condições favoráveis ao Brasil, chegamos à conclusão de que a dívida externa, que há

algum tempo havia deixado de ser problema sério, deixa de sequer um problema.

Mas isso tem significado. O primeiro é o de que, por mais que tente, o Banco Central já não consegue controlar o fluxo internacional de divisas. As estimativas extra-oficiais são de que há entre US\$ 80 bilhões a US\$ 100 bilhões de dólares de propriedade de brasileiros depositados no Exterior. Uma boa parcela dessa bola da tem retornado na forma de investimentos estrangeiros disfarçados. Vem para aplicações em bolsa ou para aproveitar uma taxa de juros mais alta no mercado interno ou, ainda, para tirar proveito de tratamento fiscal favorável a estrangeiros na área dos ganhos de capital. Essa situação só reforça o entendimento de que é preciso soltar ainda mais o câmbio em direção à liberação total.

A outra conclusão é de que, mais uma vez, o grande problema somos nós. Ao contrário do que se disse, principalmente durante o governo Sarney, nada há de especialmente errado no setor externo de nossa economia. Se continuarmos metidos nessa encrenca é porque nós — e só nós — governo, Congresso e sociedade estamos sendo incompetentes em levar adiante o processo de saneamento das finanças do setor público e em reformar o Estado.

Em 1990, quando começou a atual rodada de negociações com os bancos credores internacionais, o governo imaginava que a conversa girava em torno de US\$ 50 bilhões. Agora que terminou o prazo para que os próprios bancos optassem por uma entre as três opções da dívida, verificou-se que essa dívida encolheu para nada menos que US\$ 35,5 bilhões.

Oficialmente, o Banco Central desconhece o que houve. Atribui a redução dessa dívida a certas operações de *swap* feitas por países devedores do Brasil. Uma dessas foi feita com o Egito, que devia US\$ 70 milhões em créditos comerciais (financiamentos a exportações brasileiras) concedidas pelo Finex, o fundo do governo que empresta dinheiro para a compra de mercadorias ou serviços brasileiros. Como o Egito não pagou essa dívida, a solução foi permitir que compre títulos da dívida externa do Brasil que valem hoje pouco mais de 30 centavos por dólar, e pague de uma vez essa conta.

Conversão informal

Mas essa é uma falsa explicação, porque essas operações foram feitas pelos canais oficiais e implicavam extinção dos registros da dívida também junto ao

Banco Central. Essas ex-dívidas evidentemente já não faziam parte das estatísticas oficiais e não estavam sendo objeto de negociação junto aos bancos. Ainda assim, poderiam explicar o cancelamento de até US\$ 1 bilhão em dívidas ou talvez um pouco mais. Mas não o desaparecimento desses quase US\$ 16 bilhões.

A maior parte desse sumiço de dívida aconteceu por meio de operações de conversão informal de dívida externa, com títulos que muitas vezes não estavam mais em poder dos bancos que emprestaram o dinheiro a alguma empresa que opera no Brasil. Como já ficou dito, desde 1982, quando o Brasil quebrou e, mais particularmente, desde a moratória de 1986, os títulos da dívida externa foram negociados com forte deságio no mercado internacional. Grande número de bancos preferiu liquidar esses maus créditos obtendo um retorno de 25 ou 30% do seu valor de face do que mantê-los em carteira.

Os especialistas em finanças internacionais conhecem várias maneiras de extinguir dívida externa "por fora" do Banco Central. Uma delas é o pagamento da dívida com dólares adquiridos no câmbio paralelo. É verdade que os dólares são entre 10 ou 15% mais caros do que os obtidos no câmbio comercial. Como, no entanto, esses títulos vêm sendo ne-